VIMALA DEVI

SÚRIA

POEMAS

COLECÇÃO
UNIDADE

AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR
LISBOA ◆ 1962

...Eis porque me tornei, ó Irmão,
num excêntrico bhaul:
Não tenho amos a acatar, não me vergo a
mandamentos, cânones ou costumes,
Nem me sujeito às especiosas distinções
inventadas pela fantasia humana;
Revelo-me tão-sòmente pela alegria que
mana do meu próprio amor fluente...
No amor não há separação possível,
mas união indissolúvel e eterna:
Por isso me rejubilo a cantar e a dançar.

NARAHARI

Ao Manuel

CHAMDRÎM

Vem, Chamdrîm feiticeiro, com a tua luz concreta,
Transformar as casas de churtas em casas de prata,
E deixar que os farazes penetrem oiteiros
Em busca de bambus com que tecer sobrevivência!

O Mandovi e o Zuari, fios de lágrimas salgadas,
Abrigam deuses tisnados e humildes,
Que nas noites escuras regressam tristes
Com alforrecas nas redes e com as tonas vazias.

Vem, Chamdrîm, rei do firmamento nocturno,
Perolizar, com as tuas tintas mágicas,
Os troncos nus de curumbins crestados pelo sol
— Velas derretendo no perene meio-dia!

Vem rasgar o mistério das aldeias moribundas
Onde serpentes venenosas mordem a noite.
A morte espia os camponeses, no regresso das
[várzeas,
Banhados em suor de terra — com olhos nos pés!

Vem, Chamdrîm, alumiar poços e regatos,
Onde mainatos, vergados, lutam com a imundície.
Sem ti, o sol tropical ardia crânios...
Por isso, Chamdrîm, és o deus dos pobres!

VÉNUS DRÁVIDAS

As curumbinas esvoaçam
Por entre arrozais de ouro...

Seus trajos risonhos, leves,
Perecem fugir ao vento,
Desnuando seios redondos
Moldados por mãos de sonho!

Como coqueiros agarrados à gleba,
Os curumbins constroem o amanhã,
Descalços nas várzeas longas
Da Goa-curumbina, como um acto de posse...

Vénus drávidas!

TERNURA

Ternura!
Nos *gelés* tecidos por floreiras,
No verde das espigas de arroz
E no balancear do coqueiro!

Cio nas manhãs de nevoeiro...

Ternura!
No branco e no aroma dos *zaiêus*,
Enfeitando cabelos negros de noivas indianas!

Ternura!
Nos simples gestos da Xiuntém,
Que sabe fazer do lar uma ara sagrada!

Ternura, muita ternura me vem,
Dentro duma embalagem de saudade,
Cruzando rios e oceanos,
Em barcos indeléveis de espuma!

AGORA

Agora
És sombra a flutuar
Nas águas do Mandovi.
Agora
Só me resta sonhar.

De ti me contam histórias tristes:
O teu abandono
Aos ventos da monção,
Com esta dura realidade
A queimar-me por dentro...

Oh minha casa à beira do Mandovi,
Busco-te com ansiedade
Em todas as casas onde entro!

NÃO ME FALES COM ESSA TUA VOZ

Não me fales com essa tua voz de silêncio
De torturar os mortos,
Tu que escalaste a montanha inacessível
Da minha alma...

Porque não choras, não gritas,
E olhas com esse teu rosto azul
A lua do teu coval
Como um esqueleto descarnado de ideais,
Se és testemunha e não vítima
Desta humanidade incolor?
Porque não ergues o estandarte triunfal
Dos «excluídos para sempre»?

Oh, não me fales da putrefacção,
Nem da extinção da tua existência impoluta,
Se não me prometeres que vais ser o Sol Verde
Tingindo os Outonos de cabelos amarelos!

SOU FEITA DE VENTO

Sou feita de vento!
Vagueio nos mares revoltos,
Por entre as tempestades
E nas ilhas solitárias!

De inverno sofro a fúria
Dos bairros pobres
Com casas de churtas,
Onde mulheres desesperadas
Batem em crianças nuas...

Varro as sepulturas,
Apago a ideia da morte,
E, de noite, muito baixo,
Oiço um eco nos covais
De vozes abafadas
Jazendo no esquecimento
Como súplicas eternas
Dirigidas a ninguém!

Sem destino marcado,
Sem esperança limitada,
Acompanho o voo das aves
E agarro o infinito com as mãos!

Ninguém me procure
Porque eu sou feita de vento!

TENTAÇÃO

Não ponhas as tuas mãos duras
No meu corpo de pétalas,
Como um deus mudo e fundo
Filho de dois sóis ardentes.
Não, meu Deus, não toques
Esta pele macia e pura!
Esconde a tua ânsia,
Cala a tua fúria impotente,
Pois a minha carne estremece de fraqueza
Ao contemplar o teu sorriso vasto.

Sinto aromas de sedução
Pela noite implacável,
E bem dentro de mim
Oiço bailadeiras a cantar,
Num templo ornado de lótus,
Como as minhas promessas ocultas.

Amanhã, se as tuas mãos
Ansiarem repouso na morte,
Na palidez dos dias sombrios
Serei eu
Quem buscará as tuas mãos!

DISPERSÃO

Tinha melodia nas ancas
A rapariga do cabaré,
Harmonia nos seios, em sensação de ritmo;
Na voz quente-dormente, súplicas
Imperavam altares mundanos...
Havia incenso no fumo dos cigarros,
Até flores... Rosas vermelhas
Pousaram-lhe no peito!
Um não sei quê de heroína
Adormecia o ambiente;
Bocas-metralhadoras
De demónios com cio
Disparavam apostas loucas:

A rapariga do cabaré, com facas na garganta,
Desnua-se no *streap-tease* lento,
E uma lua falsa cai do tecto
Rasgando o véu do seu sexo.

A noite desceu com melodias de gelo!

Paris, 1958

CONVITE

Não me leves lírios brancos
Nem odor de rosas vermelhas.
Apenas a certeza imensa
Dos momentos mais felizes
Que vivemos juntos...

Que lágrimas de frustração
Nunca brotem de ti.
Prossegue a senda dos Vedas
E ao som dos hinos sagrados
Encontrar-me-ás no Além.

Longe, nas regiões etéreas,
Inacessível
Como a deusa Durga,
Contemplarei o teu destino,
Até que um dia
Te decidas a subir também...

ANGA THAN GOEAN

Tujo dulabh ughddâs
Parmal kaso
Mojea jîvân riglo

Tujem sobit rûpnem
Nihâltam khînbhar
Suryachea ujvâddar

Soglim tujim gâyanan
Distât âtâm sopnam
Sândlelim râtiâmt

RECORDAÇÃO DE GOA

Tradução de «Anga than Goean»

Dentro de mim,
O perfume mais suave
É a tua recordação...

Ao contemplar Súria,
Tua imagem descubro
Numa breve meditação...

Hoje, as tuas canções
Perdem-se na noite
Como sonhos...

SÓ GOSTO

Do Céu, com estrelas.
Da Terra, sem gente.

GOA

Na madrugada de lágrimas e esperança,
Teu pranto é o meu.

De ti me vem um apelo
Dolorido e ancestral.

No meu pensamento serás sempre
O eterno sonho luso
— Comunhão de mosteiros e pagodes.

O Súria divino
Esconde-se tímido
Cobrindo de luto
Teus rios e prados!
Calam-se murdangas e batuques;
Mandós são lamentos
Do folclore em agonia...

Teu brado de protesto,
Como eco abafado,
Guardarei no sorriso
Que me deste em criança,
E a tua expressão de luar
Na noite de amor mais fundo
Será o meu único enlevo
No sonho da noite imensa.

Envolta em odor de sândalo,
Serei a voz da consciência:
A voz de dois mundos!

HOJE

Hoje, não mais esperança!
As estrelas fugiram
Ameaçando a paz dos homens.

Na escuridão do dia,
Jovens cambaleiam
Como velhos...

Por isso não há protestos,
Nem sonhos, nem ambições:
Só o desprezo e o ódio,
Nesta agonia podre
Onde os vivos parecem mortos.

Multidões de gente incauta
Circulando sem destino
Confundem-se com animais
À espera da ordem sonhada
De alguém que os há-de guiar.

TUA BOCA FAMINTA

Tua boca faminta
Só pede esmolas
De punhados de arroz?

Cala a tua miséria
E não tentes saber
Que não podes transformar
Esse arroz em rosas!

REGRESSO

Recordando N., que, do Golfo Pérsico, regressou
a Goa para morrer numa noite de pesadelo.

Sol tropical, manto de ouro sobre o Mandovi...
Você voltou confiante, orgulhoso das conquistas
[no Além-Mar.
Rasgou as cortinas sombrias da velha aldeia triste,
Deu-lhe vida, alegria, uma certa esperança...
Tudo vibrou à sua volta, casas, gente de todas as
[castas:
Não se falava noutra coisa, senão no seu regresso.
Ávido de beber o ar puro da terra natal,
Nas noites de luar você vagueou sobre os rios de
[prata
Em canoas e tonas recordando o passado.
Subiu oiteiros, galgou palmares, andou, buscou e
[achou:
Era ela mesma... a imagem remota que você não
[tinha esquecido!

Pôs-lhe tudo aos pés e em troca
Apenas teve um sorriso vago.
Você não percebeu seus gestos de um puro es-
[trangeiro?
Eu era criança, mas vi o seu olhar poisar em mim
À procura de raízes, de vínculos duradouros.
A noite devorava-o.
Mais do que isso: expulsava-o!
Sem saber a melhor solução, eu disse-lhe, com pena:
«Vá e volte! Talvez o outro regresso seja feliz!»
Você foi e voltou, após anos esquecidos,
Eu já mulher... ainda sem saber a melhor solução,
Murmurei baixinho, com os olhos húmidos: «Você
[voltou?»

NO LEITO DE MORTE

No leito de morte, virgens ressequidas
Em vão buscam definição para os seus gestos pu-
[dicos
Dentro do casulo preso às garras do ostracismo.
Nunca o luar sedutor penetrou o véu do amor
Agora extinto...

Ninguém
Nem mesmo Kalidassa ou Shakespeare
Ousariam imortalizar essas histórias de Amor!

Siva, o destruidor, violentou sàdicamente Vénus!

Na madrugada de insónias, virgens esperam,
E nuvens mensageiras desfazem-se no ar.
Chovem lágrimas desesperadas
De jovens máquinas de futuro.

E rente ao chão
Como símbolos mortos
Rosas sem aroma!

IOGUI

No dia a dia que passa
Esboço um destino certo.
Enquanto medito
Entre a Terra e o Espaço,
Meu ser se alonga
Sorvendo orvalho
Da manhã calma...
Pensar é imenso
Brotar de fonte
Dentro de mim.
E eu sou Todo
Igual a Infinito.

INSOLÚVEL NA NOITE

Ninguém procure soluções na noite...
Muralhas de tédio surgirão defronte,
Trombetas de pavor soarão na obscuridade,
Loucas pombas esvoaçando, cabeças insensatas
Sob a chuva de pensamentos abstractos.

Ninguém procure soluções na noite!

Amanhã — geada de esperança —,
O real viripotente,
Rodeado de frechas matutinas,
Rasgará as cortinas cinzentas da dúvida!

QUE CARÍCIAS DE GELO

Que carícias de gelo afagaram o menino negro?
Quem pôs um lírio branco nas suas mãos tão puras?
Que expressão de noite no berço do menino negro?
Quem foi que o embalou com a canção do lírio
[branco?

MORTE DO JOVEM

Pelos caminhos sem luz
À procura do Nada!
Como erva rasteira
Na queimada...

Nos olhos sem lágrimas,
Montanhas de gelo.

DOMINGO AMARELO

A Avenida, os cisnes, o céu,
Até as flores amarelecem ao domingo!
Não sei que se passa no exterior amarelo.
Talvez massas de gente movem-se sem ritmo
Dentro de eléctricos amarelos, infindos...
No meu leito de sonho, sorvo a existência
De um dia insensível, sem Súria a velar-me.
Prefiro fugir do mundo sem sentido.

Se o orvalho fosse narcótico sorvê-lo-ia todo,
E o domingo seria encantamento, com estrelas de [dia,
Tulipas transformadas em *apsaras* nuas,
Desenhando *ballets* na transparência azul,
Deuses empunhando coroas diamantinas
Na eleição justa, sem distinções:
Das mãos belas da *apsara* coroada, chuvas de pé- [rolas!
No cemitério de frustrados, ressurreição de jovens!
Um mundo novo de ideais,
Sem gente desarmoniosa nem domingos amarelos...

LAGN

Em cortejo dolente, de *kalvamtams* bailando
Ao som de murdangas e seranguis gemendo,
Ele caminha, vestido de deus...

Qual flor, beijando o chão,
Ela aguarda-o, cabisbaixa.
Montanha de silêncio os separa!

Melodias sensuais misturam-se com vozes
De povo mascando betle.
A noite chega com aromas de sexo e *chondor-vatt!*

MORTE DO FRED

Hirto no caixão, crucifixo nas mãos,
Nem parecia o Fred... pedindo perdão...
No seu rosto queimado, um sorriso negro
Saudava o fim trágico da vida!

Através dos véus que envolviam a viúva
Vislumbrei uma águia negra
Com sede de desgraça.
Sorrisos infantis
De lábios órfãos
Soavam como gritos:

«Fred louco, aventureiro.
Estás queimado para sempre!»

Lá fora, rajadas de chuva soavam desespero...
Mas num momento breve,
Quando o sol surgiu
Iluminando o sorriso escuro do Fred,
Do fundo da sala, a voz da viúva tudo esclareceu:

«Fred bondoso, até o Céu
Por ti, até o Céu se abriu!»

SE EU PUDESSE GUARDAR

Se eu pudesse guardar
Os sonhos perdidos
No mundo frio dos homens...

Apagaram-se de vez
Os tempos de criança
Em que eu era fada
Num mundo irreal,
Que hoje sinto
Bem desperta e atenta...

E agora vou morrendo aos poucos
Porque perdi todos os sonhos!

INDEFESA

As bonecas e as fadas morreram
Como frágil arco-íris.
Fiquei eu, sempre a fugir de mim.
Mãe! Antes me desses armas:
tudo menos brinquedos!

Que farei, agora, dos conceitos ancestrais?
Guardá-los como rubis? Expulsá-los de vez?
E do orgulho que suguei nas tuas tetas?
Tal como sou não devo sobreviver.
Preciso de ficar outra: ter um coração de aço
E lavar o meu cérebro de sonhos remotos...

Tenho de rasgar fendas na terra
Ou buscar nas selvas leões como camaradas!

ENTERRO DOS MITOS

Hoje resolvi fazer o enterro dos mitos.
Não tive lágrimas: só as pedras choraram.
E as *nekhetram* esconderam-se por detrás das nu-
[vens.

Os peixes confraternizaram comigo,
Mas os homens, rochedos impenetráveis,
Olharam-me com palavras de desdém:
«Louca! Acaba por se enterrar também!»

Os lótus cerraram as corolas de luto;
A seiva dos seus caules humedeceu-me os pés...
Ainda sem lágrimas, cantei a noite inteira
Como um *bul-bul* órfão do mundo...

NOTAS

Apsara — bailarina da mitologia hindu.
Bhaul — do sânscrito *vayu*, excêntrico. Aplica-se a uma escola filosófica cujos adeptos se não sujeitam aos usos sociais correntes.
Bul-bul — passarinho.
Chamdrîm (lê-se *tsondrin)* — a Lua (é masculino em cancani).
Chondor-vatt — incenso indiano.
Curumbins — camponeses de casta humilde.
Farazes — uma das castas mais humildes.
Gelés — colares de flores para o cabelo.
Kalvamtams — bailadeiras.
Lagn — Casamento, em concani.
Mandó — canção típica de Goa.
Murdanga — tambor típico.
Nekhetram — plural de *nekhetr*, estrela.
Súria — O Sol.
Tona — pequeno barco a remos.
Xiuntém — nome próprio feminino, que é, ao mesmo tempo, nome de uma flor.
Zaiêus — flor branca de Goa.